

Sobre o indivíduo fragmentado: ensaio sobre a alienação na modernidade tardia



Thiago Pacheco Gebara¹

Resumo

O presente ensaio busca tecer breves considerações sobre o indivíduo fragmentado, que se encontra na modernidade tardia e sofre de novos tipos de alienação. A tese da aceleração social de Hartmut Rosa será central na análise, bem como a utilização de outros autores e recursos que possam elucidar algumas das novas questões sociais que surgem a partir do final do século XX e começo do século XXI. A hipótese sustentada é que a promessa do início da modernidade, da autonomia do indivíduo, e o progresso tecnológico e suas possibilidades para libertar o indivíduo de penúrias materiais, se consolidaram de maneira paradoxal na modernidade tardia, demonstrando que o funcionamento do capitalismo tem algo consigo de inherentemente que impossibilita a conclusão dos projetos previstos no início dessa trajetória da política, filosofia, ciência, economia, cultura e tecnologia ocidental. O ensaio tem o objetivo geral de articular a perspectiva das patologias do capitalismo, as cinco formas de alienação (de si e do outro, da natureza, do tempo, do espaço e das coisas) e as novas questões sociais que surgem a partir desse panorama.

Palavras-chave: Aceleração social. Alienação. Indivíduo. Modernidade Tardia.

Abstract

This essay seeks to make brief considerations about the fragmented individual, who is in late modernity and suffers from new types of alienation. Hartmut Rosa's social acceleration thesis will be central to the analysis, as well as the use of other authors and resources that can clarify some of the new social issues that arise from the end of the 20th century and the beginning of the 21st century. The hypothesis sustained is that the promise of the beginning of modernity, of the autonomy of the individual, and technological progress and its possibilities to free the individual from material penury, were consolidated paradoxically in late modernity, demonstrating that the functioning of capitalism has something inherent

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Graduado em licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais pela mesma universidade.

with it that makes it impossible to complete the projects foreseen at the beginning of this trajectory of politics, Western philosophy, science, economics, culture and technology. The essay has the general objective of articulating the perspective of the pathologies of capitalism, the five forms of alienation (of one another, of nature, of time, of space and of things) and of the new social issues that arise from this panorama.

Keywords: Social Acceleration. Alienation. Individual. Late modernity

Introdução

Como dito por Henri Meschonnic (2017, p. 107), “a modernidade é uma redescoberta do contínuo” e faz surgir a “não unidade da unidade” (*ibidem*, p. 106). A quantidade de acontecimentos simultâneos, sobrepostos de forma cada vez mais veloz, afasta o entendimento e a própria noção de pertencimento do sujeito com o mundo em que vive. Também é própria da modernidade as técnicas artísticas da colagem e da montagem (*ibidem*, p. 105), como elementos que se sobrepõe e criam um sentido próprio, coeso e coerente dentro daquele universo em questão, o que exemplifica bem qual a dinâmica do mundo contemporâneo e sua estruturação através de fragmentos isolados, mas que ao mesmo tempo formam uma estrutura autônoma.

A paixão dos jovens futuristas italianos (MARINETTI, 1909, n.p), que proclamavam que o tempo e o espaço morreram ontem, que estariam vivendo o absoluto, já que haviam criado o eterno, da velocidade onipresente, existia no mesmo cenário (a modernidade) que favorecia o progresso, a esperança, o futuro que traria uma esperança para a humanidade que seria capaz de desejar um progresso incessante, a tecnologia que impulsionava o conforto, a dominação do sujeito sobre a natureza, do artificial sobre o natural. Esse paradoxo é bem evidenciado pelo manifesto dos futuristas, que pregam o universalismo, o desenvolvimento, o progresso, a ciência, junto com a glória à guerra, o militarismo, o patriotismo, a demolição de museus e livrarias, junto ainda com lindas ideias que matam, defendendo uma arte que só pode ser violenta, cruel e injusta, caracterizando isso como sendo a modernidade (*Ibidem*).

Diante da visão otimista de um encerramento e de um recomeço, existe a possível visão pessimista na mesma esfera. A obra “Crime e Castigo” (DOSTOIÉVSKI, 2019) evidencia perfeitamente essa questão: enxerga uma possibilidade de reconstrução,

identitária, psicológica, biográfica do personagem central, chamado Raskólnikov, um homem que tem que lidar com uma crise existencial decorrente das próprias noções de ética, moral, justiça, em uma sociedade que perde o sentido quando o sujeito se vê fragmentado e isolado. “Mas aqui já começa outra história, a história da renovação gradual de um homem, a história do seu gradual renascimento, da passagem gradual de um mundo a outro, do conhecimento de uma realidade nova, até então totalmente desconhecida.” (Ibidem, p. 563)

Essa mesma passagem também parece anunciar um temor - com cuidados para não cair no anacronismo - quando analisada a partir do capitalismo contemporâneo: a realidade nova, até então totalmente desconhecida, da renovação do homem, tanto individual quanto coletivamente, parece não garantir que é de fato positiva, apenas que está indo adiante em um caminho desconhecido.

Somos advertidos que cabe a nós decidir se essas conquistas da natureza e do conhecimento (HUXLEY, 2016, p. 122), a saber, do progresso tecnológico, compreendido aqui através da aceleração tecnológica (ROSA, 2019) devem ser utilizadas para fins terríveis e desumanos ou se devem ser empregados para criar o tipo de progresso com que sonhamos, um tipo que ninguém jamais sonhou, porque as potencialidades que se verificam agora jamais estiveram presentes anteriormente na história da humanidade.

O alerta de Huxley tem enorme respaldo - mesmo que não tenha falado especificamente sobre a modernidade tardia - no panorama da sociedade global e sua relação com o indivíduo. Isso se torna evidente quando algoritmos realizam demissões em massa,² quando uma potência político-econômica global precisa proibir o uso de celulares em escolas devido ao crescimento abrupto em problemas de visto, incluindo potencial cegueira³, quando o progresso tecnológico, cultural, político, econômico, as promessas da modernidade, afetam as novas gerações, sobretudo a geração eu (TWENGE, 2018), dos nascidos de 1995 até 2012, de forma que os índices de agravamento de saúde mental

²Ver ECHARRI, Miquel. 150 demissões em um segundo: os algoritmos que decidem quem deve ser mandado embora. El País. Outubro de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-10/150-demissoes-em-um-segundo-assim-funcionam-os-algoritmos-que-decidem-quem-deve-ser-mandado-embora.html>> Acesso em 15 de outubro de 2021.

³Ver WAKEFIELD, Jane. China bans children from using mobile phones at school. BBC. Fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/technology-55902778>> Acesso em: 14 de novembro de 2021.

crescem e fazem cada vez mais parte do imaginário, vocabulário, vivências e simbologias da pessoa globalizada, acendendo o alerta sobre se de fato, as promessas de autonomia que surgem no início da modernidade, ainda são possíveis no horizonte caótico do indivíduo que se torna descartável, refugo (BAUMAN, 2005).

A percepção do fim da história, interpretação que entende que o progresso da humanidade chegou no seu limiar, que não há mais direcionamento possível. Assim como o significativo *There Is No Alternative* (TINA), slogan utilizado por Margaret Thatcher para potencializar a promoção das leis do mercado, do neoliberalismo, da globalização, em detrimento daquilo tudo que era velho, ultrapassado, sem utilidade, atrasado, exemplificam o imaginário político-intelectual do que estaria e está por vir.

Como Berman (2007) disse no próprio título de sua obra “tudo que é sólido desmancha no ar”⁴. O panorama do capitalismo contemporâneo nos coloca diante da complexidade da jaula de aço (WEBER, 1989), que não apenas nos prende dentro de uma realidade, mas nos molda através de suas barras.

O sonho do modernismo (BERMAN, 2007, p. 11) paradoxal é questionado, as promessas parecem se esvaecer no ar, e as potencialidades humanas esbarram no esvaziamento de sentido, na fragmentação do indivíduo, na atomização, na separação e na alienação.

Essa é a problemática que o ensaio visa explorar. Como a alienação, pensada num contexto da modernidade tardia, uma sociedade em que a história da humanidade pode ser analisada enquanto história da aceleração, não só técnica e tecnológica, mas do ritmo de vida e das mudanças sociais (ROSA, 2019), desenvolvendo-se de maneiras que não poderiam ocorrer anteriormente, justamente pela subjetividade do sujeito moderno e pelas mudanças substanciais ocorridas a partir de meados de 1980.

1980 é uma década importante, em que a sociedade capitalista, que detém um significado singular pelo seu funcionamento a partir do capital (Idem, 2017), se estabiliza dinamicamente, ou seja, apenas consegue funcionar em seus próprios termos se a produção, das mais variadas formas possíveis, continuar crescendo e se acelerando em relação ao momento anterior.

⁴ Frase essa que é originalmente dita no manifesto comunista ao tratar sobre as mudanças que podem ser verificadas com o advento da modernidade. Ver MARX, Karl e ENGELS, Friederich. O Manifesto Comunista, 1988.

O contrário, da não aceleração, da redução, da estabilização sem dinamização resulta em crises que afetam o sistema como um todo (Ibidem). Crises essas que também esbarram na própria ideia de consciência de si, daquilo que se é e que se planeja para o futuro, de qual sua ocupação trabalhista, sua estrutura familiar, sua formação educacional etc.

O indivíduo precisa lidar com uma sociedade que se estabiliza dinamicamente, está sempre tentando não cair nos *slipping slopes*⁵ (idem, 2019, p. 268), não ser esquecido, não se tornar obsoleto, não ficar de fora do mercado.

1. Das possíveis causas.

Refletindo sobre o período pandêmico de 2021 e as contradições sociais que pulsaram a partir do desdobramento da crise sanitária, política e econômica, encontramo-nos em uma pós-democracia, que se libertou do conceito primordial da universalidade, renunciou à autonomia de seu poder decorrente dos elementos da modernidade, para poder manter hierarquias de classe e articular interesses particulares de uns sobre outros (AZZARÀ, p. 2020, p. 6).

Essa desordem proposital, o esfacelamento das instituições, geram um sentimento total de não pertencimento. A própria essência do liberalismo não pretende os direitos universais, sem restrições, mas sempre para indivíduos que se encontram em situações particulares, ordenadas pelo capital e que se enquadrem em suas regras normativas (LOSURDO, 1998, p. 198).

Parecemos todos estar na situação de Alice, em seu encontro com a Rainha, em “Alice através do espelho” (CARROL, 1977, p. 154) que após apostarem uma corrida, percebe que está no exato mesmo lugar, e questionando a Rainha, dizendo que quando se corre por muito tempo e muito rápido, geralmente se saí do lugar, recebe a seguinte resposta: naquele lugar, quando se quer ficar no mesmo lugar, tem que se correr o mais depressa possível, e se quiser ir à outro lugar, deve-se correr pelo menos duas vezes mais.

Dante do desordenamento do mundo, todo passo parece uma corrida contra o tempo para não se mover do lugar, nem sendo possível sequer vislumbrar a corrida para

⁵ *Slipping slopes* são espécies de desabamentos, nas quais tudo que está fixo desmorona. A tradução livre seria “declives escorregadios”.

chegar-se à outro. O advento da modernidade tardia, com seu funcionamento baseado na aceleração social, gera percepções que advogam pela alternativa única: o capitalismo. Sistema esse que tem um caráter patológico, podendo ser dividido em três diagnósticos (ROSA, 2017, p. 23).

O diagnóstico da irracionalidade, o diagnóstico da destemporalização ou da depressão, e o diagnóstico da alienação. Sendo que cada uma dessas patologias possui uma manifestação individual e uma coletiva (*idem, ibidem*). *Primeiro* sintoma patológico do capitalismo é, portanto, o diagnóstico da irracionalidade. Nele fica evidente que a máxima kantiana (KANT, 1784), da autonomia que poderia ser proporcionada através do iluminismo e seus conceitos universalidades, da chegada à maioridade, é contrariada pelo fato de que “as mudanças técnicas e sociais não são mais conduzidas em nome do progresso, mas se justificam pela perda iminente da competitividade” (ROSA, 2017, p. 25). Os indivíduos se tornam meios para finalidades particulares, seus corpos são tidos enquanto objetos, possivelmente produtivos, mas sem direitos, garantias, muito menos pertencimento.

Segundo, é o diagnóstico da destemporalização ou da depressão. “Aceleração e crescimento transformam o tipo do nosso ser-no-mundo” (*Ibidem*, p. 26), essa patologia do capitalismo faz com que a figura de Alice exemplifique bem o sentimento do indivíduo perante tais condições, a “estagnação” ao mesmo tempo que tudo se move, o sentimento de que existe uma transformação contínua e que não pode nem ser apreendida e nem ser acompanhada, acaba com todas as possibilidades de autonomia individual e coletiva.

Se a depressão é caracterizada pelo desprendimento do tempo, do sentimento de não pertencimento, da falta de sentido entre passado-presente e futuro, a transformação do agir dos corpos e das mentes pela incessante mudança no ritmo de vida, parece proporcionar para que não haja outro resultado senão o adoecimento do ser .

Terceiro, o diagnóstico da alienação é definido pela realização de atividades que nunca são finalidades, mas somente meios, sem que visem atingir alguma finalidade. Em outras palavras, a sequência de atividades que pressiona o indivíduo moderno para seu autoaperfeiçoamento, tendo que sempre estar conectado, através de e-mails, redes sociais, se atualizando sobre os novos programas de computadores, de suas áreas específicas, demonstram que cada vez mais, os atos cotidianos são, de forma quase que autoritária, uma obrigação para se manter “aberto” para as possibilidades que existem. (*Ibidem*, p. 30).

Quais são essas finalidades? Qual o benefício que elas trarão para o desenvolvimento biopsicossocial do ser? Não parece ser essa a preocupação, mas sim se manter em movimento para não cair na obsolescência, nos declives escorregadios, no esquecimento.

2. Dos cinco tipos de alienação.

Essa percepção acelerada do mundo, que transforma as maneiras de agir, de representar, de identificar, além de criarem não lugares (AUGÉ, 2012), espaços globais que são imitações multiplicadas, independente do espaço que ocupam, como *shoppings, fast-foods, aeroportos* etc. geram novas formas de alienação, que só podem ser desenvolvidas a partir da modernidade tardia, uma sociedade que se estabiliza dinamicamente, hiperacelerada e que forma sujeitos hiperindividuaizados.

Os três sintomas patológicos do capitalismo dialogam com cinco tipos de alienação próprias da aceleração social (ROSA, 2019, p. XXXVII). A alienação do tempo, do espaço, da natureza, de si mesmo e dos outros e das coisas (instrumentos).

Estar situado em um mundo no qual tudo parece estar rápido demais, ao mesmo tempo que nada se movimento, gera um tipo de resposta agressiva. Não há lugar para todos, não há possibilidade de todos serem bem sucedidos, não há possibilidade do triunfo coletivo, essa é a mensagem primordial que o capitalismo contemporâneo transmite.

Diante disso, quase que um princípio darwinista (DARWIN, 2018) é invocado, no cenário de alta competitividade, aquele que mais se adapta às demandas do capital, se manterá em terreno seguro, fixo. Para se adaptar, é necessário correr, correr contra o tempo e, cada dia mais do que o anterior, produzir e se especializar mais.

A modernidade líquida (BAUMAN, 2001), faz com que cada seja necessário um desprendimento total do sujeito globalizado para que ele possa triunfar, do contrário, nada será alcançado, aquele que mantém vínculos parece ser um perdedor, e por isso a alienação do *tempo* (ROSA, 2019) é verificada pela noção de que o passado, o presente e o futuro são desvinculados e sem importância.

Em lógica similar, o indivíduo sofre uma alienação do *espaço* (Ibidem), que na maneira em que é digitalizado e virtualizado, com a presença de não-lugares até mesmo nas pequenas cidades, parece ser sempre um simulacro do capitalismo em suas diversas manifestações. As tradições culturais e os respaldos na identidade dos sujeitos não podem

ocorrer na medida em que se tem que lidar com uma grande quantidade de informações que remetem à espaços que não são conhecidos, refletidos e pertencentes aos sujeitos, mas apenas são mencionados e idealizados.

O capitalismo contemporâneo é caracterizado pela distribuição de riscos, tornando a sociedade em uma *sociedade de risco* (BECK, 2011). Essa percepção também é responsável pela alienação da *natureza* (ROSA, 2019, p. 560), já que a produção, a exploração, a extração de recursos, passa a se dar em um plano artificial, tão distante da realidade dos ciclos naturais, que em termos produtivos, precisa-se criar métodos para que seja acelerado o nascimento e desenvolvimento de plantas, animais, minérios etc. ao mesmo tempo que os indivíduos são completamente afastados dos processos produtivos e de suas participações, principalmente do significado de integração entre cultura e natureza.

Daí que a própria noção das *coisas* (Ibidem, p. XXXVII) (instrumentos), é permeada por uma alienação. A competitividade do mercado, a imposição da fragmentação para sobrevivência profissional, a aceleração tecnológica e seus efeitos, obrigam que, dia após dia, novas linguagens (técnicas e tecnológicas) sejam apreendidas, que cotidianamente mudanças sejam feitas em prol de um aperfeiçoamento produtivo, de que o que foi utilizado ontem, seja ultrapassado e não tenha mais valor, nem na trajetória de aprendizado, nem na sua finalidade própria.

Por fim, a própria concepção de *si* e do *outro* (Ibidem) são compreendidas como uma categoria de alienação. A alienação de si pode ser entendida como “um estado no qual voluntariamente fazemos o que não queremos, ou por vezes até mesmo queremos o que não queremos. De que modo fazemos isso? Nós o fazemos coletivamente e nós o fazemos individualmente” (Idem, 2017, p. 29).

A condução das vontades e necessidades dos indivíduos parecem ser alteradas a partir da demanda do capital, fazendo com que a perspectiva biográfica, identitária, não faça sentido, afinal, fazemos coisas que não queremos e queremos coisas que não fazemos. Como organizar uma vida que faça sentido individual e coletivamente, se não é possível a compreensão do próprio ego e sua relação com a complexidade do mundo?

A alienação do outro decorre justamente disso, na constante pressão para reinvenção, o indivíduo além de não conseguir compreender a si próprio, deixa de lado o conceito de alteridade. Os vínculos são atrasos, eles conotam uma ligação com o passado,

e o passado é ultrapassado, sendo que o futuro não pode ser vislumbrado, é apenas o presente, sozinho, que deve ser focalizado.

3. Do presente contínuo.

“É das feições dos anos que se compõe a fisionomia dos séculos.” Disse Victor Hugo (2017, p. 197). Torna-se preocupante que as feições dos anos da modernidade tardia sejam uma espécie de presente contínuo, no qual as pessoas são destituídas de todos os meios para que suas vidas sejam ressoantes (ROSA, 2019, p. XXXVIII). Diante disso, qual será a fisionomia dos séculos?

Frequentemente a imagem da manhã é utilizada como alegoria para o alívio do sofrimento, em detrimento da noite, que é fria. O belo poema de Blake pode ser lido de forma desesperadora diante da condição depressiva que hoje permeia a vida do sujeito moderno. A fragmentação parece manter-nos diante de uma eterna noite fria, que não cede espaço para o amanhecer, que traz consigo os pássaros e seus cantos, apenas nos proporciona o barulho do vento selvagem que chora.

O vento selvagem chora,
E a noite é tão fria;
Ó sono, vem sem demora,
E abraça minha agonia;
Mas olha! Chega a manhã
Ao leste sobre a montanha,
E os pássaros cantores da aurora
A terra desdenham agora. (BLAKE, 2017, p. 123)

Em um filme de Wim Wenders (1988), chamado “Asas do desejo”, há uma cena onde os anjos perambulam pelas ruas de Berlim e fazem o espectador entrar em contato com os pensamentos dos transeuntes, narrando seu cotidiano, e um deles diz que: “O rio primitivo secou, e só restam as gotas da chuva do presente. Adeus ao mundo por trás do mundo!”

Nesse presente contínuo, o sujeito contemporâneo tem que lidar com novas categorias alienatórias, que não estão preparados e não tem recursos para contornar, encontram as feições dos anos como uma eterna noite fria, e com apenas gotas de chuva do presente. A manhã radiante e a correnteza do rio primitivo parecem estar distantes demais para serem alcançadas.

O mercado, tido enquanto vencedor e comandante do mundo globalizado, conduz e transforma, sem que percebamos, nossos modos de ser e viver. Cada vez mais o tempo do trabalho se mistura com o tempo doméstico, o público com o privado, a memória biográfica do sujeito encontra finalidade em si mesma, nas suas mais variadas formas de manifestação, que seguem diretrizes que participam da dinâmica da vida digitalizada, virtualizada e instantânea.

Isso pode ser visto na obra “diário póstumo de um flexível” de Luciano Gallino (2002), onde o destino de um jovem que adentra o mercado de trabalho e se transforma conforme a necessidade imediata bate à porta, sem ter uma organização que interligue o passado e o futuro, se vê perdido, sem estrutura fixa e garantia de que o amanhã possa ser algo planejado.

Os recursos dessa dinâmica de precarização do trabalho e organização dinâmica, que produzem além da própria capacidade do meio ambiente e da sociedade de lidar com as consequências tem o seguinte desfecho:

Os capitalistas individuais, que dominam a produção e a troca, só podem ocupar-se da utilidade mais imediata de seus atos. Mais ainda: mesmo essa utilidade — por quanto se trata da utilidade da mercadoria produzida ou trocada — passa inteiramente ao segundo plano, aparecendo como único incentivo o lucro obtido na venda. (ENGELS, 1876, n.p.).

É o próprio sistema e os interesses de classes particulares que parecem distanciar as possibilidades positivas do avanço tecnológico de se colocarem diante da classe dos expurgados materialmente. A ambivalência da técnica e o seu propósito *à priori* atomizador de corpos, faz com que dentro de um sistema comandado pelo capital, os resultados sempre se voltem para a perspectiva do lucro.

Benjamin (1987) utiliza os vidros como forma de explicar a falta de significado das incessantes e intensas experiências que podem ser vivenciadas na modernidade. As gratificantes experiências são como vidros, através dela tudo pode ser visto, o reflexo é glorioso, glamuroso, a transparência encanta e proporciona uma noção de eterno prazer, mas nesse mesmo vidro nada gruda, nada se mistura, nada se relaciona.

Na sociedade da informação (CASTELLS, 2003), com diversas patologias (SPITZER, 2015) surgindo e se desenvolvendo, as pessoas acumulam experiências pobres de significado, e a analogia com o vidro parece ainda ser útil para explicar a complexidade dessas questões sociais, já que no século XXI, família, emprego, escola, igreja, sindicado,

partidos políticos, são todos modificados com o uso das redes sociais, da internet e das telas, continua e abundantemente, principalmente pela juventude.

O vidro permite que tudo dialogue, que tudo entre em contato simultâneo, mas não permite uma relação dialógica e crítica diante das dinâmicas dos algoritmos, das big datas e do intuito primário da tecnologia do capitalismo: fazer com que a roda do capital ande mais rápido hoje do que ontem.

Perpassando por diversas épocas e diversas esferas, ainda a essência primordial da dinâmica competitiva e acelerada que se assemelha com um “moinho satânico” (POLANYI, 2000) se mantém estável no ceio do modo de produção capitalista, independente de qual é a face em que se mostra. Se parece com Mefistófeles (GOETHE, 2020, p. 493) e suas ofertas tentadoras, que depois questiona por quê aceitamos algo se não podemos lidar com o que nos é exigido depois.

Considerações finais

Não existe uma figura física que marque a autoridade dentro da modernidade, são na verdade modos de pensar (psicológicos) que ditam normativamente o que deve ser feito, mesmo que por vezes não seja de desejo dos sujeitos (ROSA, 2017, p.31). Esse processo é descrito como *paternalismo oculto*, como algo que nos guia de forma autoritária sem que possamos descobrir o que é.

As problemáticas brevemente comentadas anteriormente, ainda segundo o autor, se tornam patologias do capitalismo quando não se trata apenas da fraqueza de um indivíduo em ter vontade o suficiente para se desvincular de todas essas tendências alienatórias. Em outros termos, a manifestação concreta das contradições demonstra que existe um mecanismo sistemático atribuível aos princípios do fundamento capitalista de gratificação de desejos de curto prazo (Idem, 2017, p. 33).

O sujeito que se encontra no meio da multidão, mas não consegue ter um sentimento minimamente coletivo, que se desdobra em dois, três, quatro indivíduos, para poder correr à tempo da casa para o trabalho e vice-versa, utiliza o transporte coletivo lotado, tem remuneração pífia e ainda precisa lidar com uma ditadura da felicidade (CABANAS & ILLOUZ, 2019) ao mesmo tempo que vê programas sociais sendo reduzidos à pó e seus direitos (dos quais muitos nem sequer se consolidaram) se tornando

miragens. Eis a própria representação do que o capitalismo patológico pode transformar, uma promessa de autonomia universal em uma objetificação permanente de corpos e mentes.

A reproduzibilidade da técnica (BENJAMIN, 2010), sua transformação na obra de arte, conduz moldes permanentes que padronizam ao mesmo tempo que personalizam, introduzem o paternalismo oculto e geram um contínuo desejo pelo prazer, por mais paradoxal que isso soe.

Mesmo assim, a dialética dos conflitos de classes sociais ainda se mantém presentes na modernidade tardia. As alienações podem ser contornadas com princípios de ressonância e estratégias de luta, assim como a aceleração tecnológica pode servir interesses que beneficiem o progresso universal e conduzam para uma superação dos moldes de produção capitalista, desiguais e desumanos.

Ainda resta o desafio de compreender quais são esses mecanismos do paternalismo oculto atuam, mesmo sabendo que eles atuam (ROSA, 2017, p. 31), aprofundando sobre as motivações que conduzem sua existência e a estrutura e organização que proporciona sua presença nas mais profundas formas de manifestação do indivíduo moderno.

Referências (Estilo: Título Referências Bibliográficas)

AUGÉ, M. Dos lugares aos não lugares. In: AUGÉ, M. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2012. p. 71-105.

AZZARÀ, G. Stefano.: *Il virus dell'Occidente*. Universalismo astratto e sovranismo particolarista di fronte allo stato d'eccezione, mimesis, 2020

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. 1^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. 2^a ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política*.

Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

_____, Walter. *A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 1^a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BLAKE, William. *O casamento do céu e do inferno e outros escritos*. Tradução de Alberto

Marsicano. – Porto Alegre: coleção L&PM, 2017.

CABANAS, E. e ILLOUZ, E. *Happycracia*. Bogota, Colombia: Editorial Planeta Colombiana. 2019.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas / Alice através do espelho*. Rio de Janeiro: Editora Fontana. 1977.

CASTELLS, M. A nova economia: informacionalismo, globalização, funcionamento em rede.

In: CASTELLS, M. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura* (volume 1). São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 119-208.

DARWIN, C. *A Origem das Espécies*. – Edipro; 1ª edição São Paulo, SP. 2018

Der Himmel über Berlin. Direção: Wim Wenders. Produzido por Anatole Dauman e Wim Wenders. Alemanha. 1987.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Crime e castigo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; gravuras de Evandro Carlos Jardim. – São Paulo: Editora 34, 2019. (8ª edição) 592 p.

ECHARRI, Miquel. *150 demissões em um segundo: os algoritmos que decidem quem deve ser mandado embora*. El País. Outubro de 2021.

Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-10/150-demissoes-em-um-segundo-assim-funcionam-os-algoritmos-que-decidem-quem-deve-ser-mandado-embora.html>> Acesso em 14 de novembro 2021.

ENGELS, Friederich. *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. 1876.

Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm#topp>> Acesso em 07 de outubro de 2021.

GALLINO, Luciano. *Diário póstumo de um flexível*. REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v. 2, n. 1, jul/dez 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/viewFile/2192/1800>> Acesso em: 14 de novembro de 2021.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Fausto*: uma tragédia – Primeira parte. Tradução do original alemão de Jenny Klabin Segall; apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazarri; Ilustrações de Eugène Delacroix – São Paulo; editora 34, 2020 (7ª edição). 552 p.

HUGO, Victor. *Os miseráveis*; tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros /;apresentação de Renato Janine Ribeiro. -1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Compania das Letras, 2017. Título Original: Les Misérables. ISBN 978-85-8285-048-0

HUXLEY, Aldous. *A situação humana*. 2ª ed. - São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”*. Tradução Artur Morão. 1784

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. 2. ed. – rio de janeiro. Compus, 2000, p. 15-159.

LOSURDO, Domenico. *Hegel, Marx e a tradição liberal. Liberdade, igualdade, Estado/*; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

MARINETTI, T. F. *The Futurist Manifesto*. 1909. Disponível em: < <http://bactra.org/T4PM/futurist-manifesto.html> >. Acesso em: 21 de novembro de 2021.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. 3ª edição, São Paulo, Global, 1988.

MESCHONNIC, H. *Modernidade, modernidade*. Tradução Lucius Provase. São Paulo: Edusp, 2017

ROSA, Hartmut. *Contra a invisibilização de um “poder fatídico”*: apelo à renovação da crítica do capitalismo. Tradutor: Arthur Bueno. Perspectivas, São Paulo, v. 49, p. 17-36, 2017.

_____. *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP; 2019.

SPITZER, Manfred. *Solitudine Digitale: disadattati, isolate, capaci solo di una vita virtuale?* Gruppo editoriale Mauri Spagnol, 2015

TWENGE, J. M. *IGEN*: Por que as crianças de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para vida adulta. nVersos. 2018.

WAKEFIELD, Jane. *China bans children from using mobile phones at school*. BBC. Fevereiro de 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/news/technology-55902778> >. Acesso em: 14 de novembro de 2021.